

A Banda de Música Divisionária da FEB

Origem, formação, importância e atividades no cotidiano da FEB, no teatro de operações da campanha da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial

João Carlos Talina*

Introdução

Que os exércitos rolam sobre as suas próprias barrigas, já dizia o grande imperador Napoleão Bonaparte... mas, indubitavelmente, marcham garbosamente, aos sons e cadências das músicas marciais executadas pelas suas bandas de música militares.

Cap QAO Músico R1 João Carlos Talina

É notória a participação do Brasil, na Segunda Guerra Mundial, por meio de sua Força Expedicionária Brasileira – FEB, no teatro de operações da campanha da Itália. Entretanto, julgamos que tal conhecimento, de forma geral, tende a um reducionismo histórico, tanto no meio militar, quanto civil e acadêmico. Tal afirmativa tem a sua justificativa quanto à limitação de tal participação da FEB apenas por tropas brasileiras de infantaria, artilharia, em especial. Muito pouco ou quase nada se sabe, sobre a banda de música divisionária e os demais

elementos de tropa especial, bem como, os órgãos não divisionários, que participaram ativamente, direta ou indiretamente, mas que deram o importante e imprescindível suporte as tropas brasileiras da FEB no front, nos acampamentos..., durante todo o conflito.¹

Neste sentido, este artigo tem o escopo de abordar o objeto de pesquisa - A Banda de Música Divisionária da Força Expedicionária Brasileira – FEB, quanto, seus primórdios, sua contextualização no Estado Novo, o ideal nacionalista de época, sua origem, seus diversos *ethos musicais*, formação e, a sua importância nas atividades musicais militares no cotidiano da FEB no teatro de operações da campanha da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, contextualizando-o assim, em um processo histórico, com o objetivo também, de contribuir para a historiografia militar brasileira, com novos conhecimentos, em especial, sobre a Banda de Música Divisionária da FEB, os seus aspectos mais relevantes levantados

* Cap QAO Mus R/1 Mestre de Música (EsIE/2005); Músico (EsIE/1994/1989/1984); graduado em Educação Musical (SUAM/1988), especialista em Educação Musical (CBM/1990), especialista em Psicopedagogia (UFRJ-CEP/1997), especialista em Pedagogia (UFRJ-CEP/1999), mestre em Ciência da Arte (UFF/2003) e Chefe da Subseção de Musicologia do Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx) do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX).

na presente pesquisa, cooperando desta forma, com o estudo e a divulgação da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, por meio da produção de acervo histórico e cultural, de forma a difundir e preservar, ao público em geral, militar, civil e acadêmico, as crenças, tradições e valores militares, enfim, o patrimônio imaterial, bem como, a imagem e memória do Exército perante a sociedade, aproximando assim, o cidadão brasileiro ao seu Exército.

O Estado Novo

Alvorada do nacionalismo em terras brasiliensis

Independentemente de qualquer linguagem musical, a música se diz nacionalista quando realmente contém elementos musicais característicos a um determinado povo ou nação. Desses elementos, os principais são: o ritmo, as características melódicas, o idioma, o folclore e outras manifestações populares ou patrióticas. (ADAM, Joselir N.G. & VALLE, José N)²

No ano de 1848, de acordo com Bennet (1986), a Europa foi varrida pelos ventos dos inúmeros *movimentos revolucionários*, de caráter *socialista/anarquista*, como o movimento Italiano *Risorgimento* (Ressurreição), entre outros. Portanto, tais movimentos, ao suscitarem a música nacionalista, por meio dos elementos folclóricos, temas nacionais, mitologia etc., possibilitaram “criar” (agregar uma cultura comum de um determinado povo), possibilitando assim ressurgir uma identidade cultural e nacional, a qual foi fundamental para a libertação, emancipação, unificação e criação de cada país, como também, do estado moderno na Europa, ou seja, o estado democrático e republicano, em substituição

ao estado feudal, representado pela aristocracia (nobreza e clero), o qual o presidente, primeiro ministro ou chanceler, ambos vieram a substituir os reis, imperadores e príncipes. Neste sentido, por exemplo, as composições de R. Wagner e G. Verdi, contribuíram para a formação da cultura e da identidade, bem como, da unidade dos estados germânicos e italianos. De acordo com Squeff & Wisnik (1982), esta corrente também influenciou os compositores brasileiros do final do séc. XIX, para o séc. XX, fazendo assim surgir o Nacionalismo Brasileiro, representado pelas obras musicais dos compositores: A. C. Gomes, A. Levy, A. Nepomuceno, H. Villa-Lobos, C. Guarnieri, F. Mignone, entre outros. Prosseguindo, Squeff & Wisnik (1982, p. 131) afirmam que os compositores nacionalistas brasileiros acima, dentre outros, “[...] usaram fartamente o material “folclórico” na composição de suas peças, e é esse o uso que marca o perfil característico tão reconhecível na música de todos eles”.

Portanto, surge a Música Nacionalista Brasileira, tanto erudita como popular, a qual foi se desenvolvendo, em uma profunda e equilibrada coexistência social, com as atividades das orquestras, bandas de música civis e militares, corais, grupos instrumentais e vocais, rádios, gravadoras..., enfim, possibilitando assim, a formação de uma identidade cultural e nacional do povo brasileiro, com o apoio do Estado Novo. Conforme Talina (1990) com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas sobe ao poder, surgindo o Estado Novo, período de profundas modificações ao nível sócio-político-econômico, bem como, cultural. O Governo Getulista (ou ditadura de Vargas) surgiu no período de apogeu dos regimes nazi fascistas europeus, possuindo certas afinidades

com os regimes, possivelmente, devido ao pleno sucesso alcançado pelos mesmos.

As figuras de Vargas e de Villa-Lobos, bem como, o relacionamento dos dois no cenário da vida político-social-cultural brasileira, me levaram a relacioná-los, de uma forma ou de outra, com as figuras de Adolf Hitler (Führer) e do compositor Richard Wagner, na Alemanha Nazista. Neste sentido, eu buscava entender a essência de tal relação, sabendo que a música era um elemento comum, pois tanto Hitler como Vargas utilizaram a música dos eminentes compositores R. Wagner e H. Villa-Lobos, respectivamente, para alcançar os seus objetivos políticos. Através de documentários, tive conhecimento das grandes concentrações nazistas nas paradas militares, datas cívicas, manifestações paramilitares, cuja música de R. Wagner penetrava no coração de um povo adormecido, despertando-lhe um sentimento de patriotismo, disciplina, culto à pátria e a autoridade. (TALINA, 1990, pg.07)

“Prosseguindo, de acordo com Talina (1990, pg. 07), a ideologia³ do Estado Novo era formada por um conjunto de princípios como o nacionalismo, disciplina, hierarquia, integração nacional...”, culto à pátria e a autoridade, etc. Tais princípios nortearam os diversos setores abrangidos pela política do Estado Novo, ou seja, as instituições públicas e privadas, a sociedade, enfim, as escolas, as Forças Armadas, a educação, a cultura... e neste sentido, tanto a música militar, como a música patriótica, erudita e popular, enfim, foram utilizadas para veicular esses valores, com o objetivo maior de se construir no imaginário popular o Estado Moderno Brasileiro, o Estado Novo, sua sociedade, seu povo, sua cultura... enfim, em última instância, a construção de uma identidade nacional do povo brasileiro.

A voz da guerra!

Soam as trombetas! Rufam os tambores...

A priori, o surgimento da Banda de Música Divisionária da Força Expedicionária Brasileira está indissolúvelmente ligada com a própria eclosão da Segunda Guerra Mundial e, consequentemente, com a entrada do Brasil neste conflito e, por conseguinte, com a criação da própria FEB. Cabe ressaltar que, durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, o Governo Getulista (TALINA, 1990, pg.7) manteve-se de forma neutra nas relações com os países deliberantes neste conflito, o qual já se desenrolava nos continentes europeu, africano e asiático. Entretanto, só a partir da conferência realizada em 28 de janeiro de 1942 é que o Estado Novo rompe as relações diplomáticas e comerciais com os Países do Eixo - a Alemanha, a Itália e o Japão, sendo que os demais países latino-americanos participantes de conferência realizada anteriormente, em 15 de janeiro do mesmo ano, já tinham decidido romper tais relações com os mesmos.

De acordo com Sander (2007), já a partir de meados de junho de 1942, posteriormente ao rompimento diplomático do Brasil com os Países do Eixo, o Governo Getulista cedeu ao Governo Americano, áreas nos estados da Região Nordeste, para serem instaladas as bases da *Força Tarefa Americana nº 3*, pertencente aos Estados Unidos da América, bem como, liberou os portos de Recife e Salvador para servirem como base naval para Marinha Americana.⁴ Cabe ressaltar que, o Saliente do Nordeste – a Região Nordeste do Brasil era considerada uma região estratégica pelos aliados para dar apoio a Campanha na África do Norte, em especial. Em consequência, tal ato

não passou despercebido pelos Países do Eixo e foi considerado assim hostil pelos mesmos, pois o Brasil sairia de sua neutralidade política, vindo assim, a se posicionar ao lado dos Países Aliados, momento em que o próprio embaixador da Alemanha no Brasil, Sr. Pruefer, declarou na ocasião que o Brasil se posicionara “*em estado de guerra latente*” com os Países do Eixo. Conseqüentemente, após estes fatos, os Países do Eixo, em especial, Alemanha e a Itália, por meio da guerra submarina⁵, realizaram também, ataques sistemáticos aos navios brasileiros que navegassem pelo Atlântico, Mediterrâneo e Índico, com o objetivo de interromper o envio de matérias primas para os Estados Unidos e o envio de suprimentos para a Grã-Bretanha. (SANDER, 2007)

Segundo Carvalho (2005, p.18), a guerra submarina, realizada por intermédio dos ataques de submarinos alemães e italianos resultou no afundamento de 35 navios mercantes brasileiros⁶, perfazendo um total de 1.081 mortos e 1.686 sobreviventes. O resultado dessas agressões culminou com manifestações populares. Após o afundamento dos navios mercantes brasileiros, bem como, o elevado número de vítimas, principalmente civis, inclusive crianças, fatos estes divulgados na ocasião, pelos meios de comunicação, desencadearam inúmeras manifestações populares que ocorreram em várias cidades brasileiras, inclusive, de forma violenta, com depredações de residências e estabelecimentos comerciais pertencentes a imigrantes oriundos dos Países do Eixo, chegando ao ponto de ocorrer até tentativas de linchamento a estes imigrantes estrangeiros, especialmente alemães, japoneses e italianos. Nesta ocasião, várias instituições, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), sindicatos, entre outras,

organizaram manifestações, comícios e passeatas nas principais cidades brasileiras e, em conjunto com a população brasileira, como um todo, exigiram do Governo Getulista a entrada do Brasil na guerra, ao lado dos países aliados contra os Países do Eixo, frente aos ataques dos seus submarinos do Eixo aos navios mercantes brasileiros, o afundamento dos mesmos, com inúmeras vítimas e perdas materiais significativas. Face às estas manifestações de âmbito nacional, em que toda a população brasileira se mobilizou, protestando contra as agressões dos Países do Eixo, bem como, exigindo uma reação governamental, o Governo Getulista, após reunião ministerial, em 22 de agosto, declarou “*estado de beligerância*” contra a Alemanha e à Itália, por intermédio do Decreto-Lei nº 10.508, expedido no dia 31 de agosto de 1942.

As bandas de música militares no Brasil

Origens europeias nos primórdios

As bandas de música europeias tiveram a sua origem e desenvolvimento a partir dos grupos instrumentais do período medieval e renascentista, denominados – *haut*, “altos” ou “fortes” (BENNETT, 1986, p 29-30.), empregados para desenvolverem as suas atividades musicais ao ar-livre, ou mesmo, em grandes áreas cobertas, como grandes salões e, por isso, eram compostos por instrumentos musicais muito sonoros de sopro, das famílias das madeiras e metais, bem como, de percussão⁷. A partir do séc. XVI surge o aumento do desenvolvimento da música instrumental, por meio do maior interesse dos músicos em comporem obras também para estes grupos de instrumentos, pois até então, a música vocal era a principal atividade. Certamente, a banda

de música, tendo como base os grupos de instrumentos “autos”, foi se desenvolvendo através dos tempos, adquirindo, paulatinamente, novos e diferentes tipos de instrumentos, aumentando assim, as suas configurações instrumentais e, em última análise, primando para o seu equilíbrio sonoro (intensidade e timbre), visando a sua padronização, sendo que, já por “volta de 1810 as maiores bandas militares europeias tinham alcançado seu tamanho atual”. (BINDER, 2002, p.17-18)

Cabe ressaltar que, de acordo com Maggini (2009, pg. 15-21), o séc. XIX foi muito promissor para o surgimento e desenvolvimento das bandas de música militares e civis, no campo da organologia⁸, com o surgimento de novos instrumentos, como o saxofone, rothfone, sarrusofone, saxhórner, como também, a implantação de novos mecanismos-sistemas acústicos para os instrumentos de sopro madeiras (flautas, oboés, fagotes, clarinetas,...) e metais (trompetes, trompas, trombones, saxhórner...); enriquecimento do repertório, com novas formas musicais de composição, com inúmeras composições como marchas, marchas fúnebres, concertos, aberturas... de compositores renomados, como Johann Nepomuk Kumel, Johann Simon Mayr, Ludwig van Beethoven, Felix Bartholdy Mendelsohn, Hector Berlioz, Pyotr E. Tchaykovsky, Thomas Attwood Walmisley, Giacomo Rossini, Gustav Holst, Percy Aldredge Grainger...; no campo da regência e composição para banda de música, por exemplo, o famoso compositor Johann Strauss, que foi regente da banda de música do Regimento da Cidade de Viena, onde regeu a sua famosa marcha militar Radetzky, conhecida mundialmente; também outros grandes expoentes como Nicolai Rimskij-Korsakov, Camilo de Nardis, entre outros compositores, também contribuíram para tal desenvolvimento das bandas de música.

Maggini (2009, 15-21), também afirma, acima, que, tais progressos, no campo da organologia, como também, nos campos da composição, regência possibilitaram, além da riqueza expressiva da performance, a reorganização, em especial, das bandas de música militares em vários países europeus, iniciando tal processo na França, posteriormente, na Alemanha, Itália, Inglaterra, Estados Unidos da América do Norte...e, concomitantemente, fazendo surgir inúmeras bandas de música militares, como Marine Band, Boston Brigade, Coast Artillery Band, entre outras, bem como, ilustres regentes de bandas de música como Gaetano Caruso, Francesco Scalla, Patrick, John Pillhip de Souza; possibilitaram também surgir instituições de ensino musical específicos para a banda de música, como por exemplo, o Royal Military School of Music. Tais aperfeiçoamentos das bandas de música estrangeiras, ocorridos no séc. XIX para o séc. XX vieram, com certeza, a influenciar diretamente nas formações das bandas de música brasileiras, militares e civis, por meio das inúmeras missões militares, intercâmbios, cursos, visitas... como também, pela vinda de músicos estrangeiros. (Maggini, 2009, p. 17)

Raízes brasileiras

A continuidade da tradição no campo da produção de música instrumental ao gosto das amplas camadas das cidades, iniciada em meados de Setecentos pelos ternos de Barbeiros⁹ com a chamada de música de porta de igreja, ia ser garantida a partir da segunda metade do século XIX pelas bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos, e pelas pequenas bandas municipais ou líras formadas por mestres interioranos, nas cidades menores. (TINHORÃO, 1998, pg. 177)



Figura 1 – Uniformes dos músicos do 2º Batalhão de Infantaria, 1850
Fonte: Binder, 2002

De acordo com Tinhorão (1998, pg. 177-191), a partir do séc. XIX, com a chegada da Família Real Portuguesa a Cidade do Rio de Janeiro, as bandas de música militares foram formadas, organizadas como tal, nos regimentos de Primeira Linha.¹⁰ Portanto, tais bandas de música militares, criadas neste período, irão coexistir com as bandas de música pré-existentes no Brasil, se relacionando mutuamente, em especial, no aspecto do *ethos musical*, quanto ao repertório, público, formação de musicistas, etc.

Conforme exposto, o surgimento de bandas em “bases orgânicas” no exército português ocorreu na passagem do século XVIII para o XIX, portanto antes de 1814 como propunha Salles. Além disso, como mostraremos abaixo, existem indícios que mostram a existência de bandas de música no Brasil com padrões instrumentais semelhantes àqueles encontrados em Portugal,

antes da chegada da corte portuguesa ou da banda da brigada da Real da Marinha. (BINDER, 2006, pg. 24)

Ethos musicalis militar e ethos musicalis civil

Atraídos aos quadros militares pela sua rara qualificação, músicos civis vestiram a farda e passaram a fazer parte do corpo de tropa, passando a comportarem-se como simples funcionários contratados, aos quais recebiam pagamentos na base de soldo de oficial. (TINHORÃO, 1998: 178)

Cabe ressaltar que, segundo Tinhorão (1998, pg. 178) abaixo, os efetivos das bandas de música militares eram constituídos, pela incorporação de músicos nos regimentos, oriundos também, de diversas bandas de música civis. Neste sentido, as bandas de música militares tiveram os

seus repertórios, bem como, as suas performances musicais enriquecidas com a bagagem musical desses músicos incorporados as suas corporações militares, bem como, a própria formação profissional musical desses músicos.

O fato é que, com essa valorização das bandas da Primeira Linha e da Guarda Nacional, centenas de músicos de origem popular encontraram a oportunidade de viver de seu talento, contribuindo para identificar com o povo, por intermédio da música do coreto e das festas cívicas, um tipo de formação instrumental muito próxima do das orquestras sinfônicas das elites. (TINHORÃO, 1998. p. 178-179)

Esses musicistas civis traziam consigo, além de suas expertises musicais, como instrumentistas, arranjadores, copistas, luthiers, compositores e regentes, mas também, as suas vivências musicais desenvolvidas na sociedade civil, por intermédio de um repertório riquíssimo, de música militar, popular, religiosa... o qual iriam incorporar em suas novas atividades musicais castrenses, enriquecendo assim, os repertórios e as performances musicais de suas bandas de música militares, possibilitando assim, as mesmas, de atuarem tão somente nas atividades militares, como formaturas, desfiles, guardas de honra entre outras cerimônias e atividades militares, mas também, nas atividades musicais na sociedade, como uma banda de música civil, ou seja, nas festas, cortejos, procissões, enfim, na sociedade de entorno. (TINHORÃO, 1998, p.177-189)¹¹

Banda de Música Divisionária da FEB

Da capo! Origem e formação...

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, fato este já descrito em texto anterior, bem

como, a participação do Brasil neste conflito mundial, ao lado dos Países Aliados contra os Países do Eixo, a Força Expedicionária Brasileira – FEB foi criada, como um Corpo de Exército – CEx, a priori, composto, na 1ª Etapa, pela *1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE*, por militares e reservistas das 1ª, 2ª e 4ª Regiões Militares – RM, bem como, por voluntários das Forças Auxiliares.



Figura 2 – Fração da Banda de Música Divisionária na Itália
Fonte: <https://images.app.goo.gl/QPB6bmrAcDfdN2QR7>

A Banda de Música Divisionária da Força Expedicionária Brasileira – FEB, assim como as OMs divisionárias de infantaria¹², artilharia, entre outras, bem como, os demais elementos de Tropa Especial, além dos Órgãos Não Divisionários, teve a sua origem concomitantemente com a criação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE. A princípio, o seu efetivo foi composto pelos respectivos efetivos das bandas de música dos regimentos de infantaria também agregados a 1ª DIE, ou seja, do 1º RI, 6º RI e do 11º RI, transformando assim as bandas de música orgânicas em uma banda de música divisionária, seguindo um modelo norte-americano¹³

bem como, por militares músicos voluntários das demais bandas de música do Exército Brasileiro e, por outros voluntários, perfazendo um efetivo total de 200 (duzentos) músicos, tendo a frente, o 2º Ten Músico Franklin de Carvalho Júnior. (MEIRA & SCHIRMER, 2000, pg. 118)¹⁴

Instrumentarium

A formação instrumental da Banda de Música Divisionária da FEB, na época, foi composta, conseqüentemente, pela aglutinação das formações instrumentais das respectivas bandas de música dos regimentos de infantaria do 1º RI, 6º RI e do 11º RI, tendo como modelo de efetivo e instrumental, as formações das bandas de música europeias, em especial, as bandas de música militares portuguesas... e, italianas (VESSELLA, 1955, pg. 115).¹⁵ Portanto, de acordo com Vessella (1955) acima, a instrumentação básica da Banda de Música Divisionária também foi composta por duas famílias a saber: família dos sopros dos instrumentos de madeiras - (flautim e flauta; clarineta piccolo, soprano, alto e baixo; saxofone alto, tenor e barítono) e de instrumentos de metais (trompete, trompa; saxhorners) e família de instrumentos de percussão (lira, bombo, pratos, caixa surda e caixa de guerra) (HENRIQUE, 1998).¹⁶

A música no cotidiano da FEB

Os ethos musicalis febianus - si vis pacem, para musica, para bellum...

Nos anos da Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir de 1942, quando o Brasil entra na guerra, a música, especialmente do gênero samba, foi um dos instrumentos de controle utilizado pelo governo de Getúlio Vargas para

mobilizar a população para a guerra... O rádio foi um dos principais meios de comunicação para a propagação de composições nacionalistas e que exaltavam os soldados brasileiros que já haviam ido ou mesmo aqueles que estavam indo lutar na Europa... Na Europa, os expedicionários também utilizavam a música para “esquecer” os ataques e as tristezas do seu dia a dia na guerra. Assim, além das músicas oficiais que eram tocadas pela Banda da FEB (Força Expedicionária Brasileira) ou as músicas trazidas do Brasil, ou ainda as estrangeiras, os soldados também criavam canções.¹⁷



Figura 3 – Cotidiano de uma fração da Banda de Música Divisionária da FEB

Fonte: www.goodreads.com/group >book>onGoodreads.

Inúmeras fontes iconográficas, entre outras, registraram as atividades musicais da Banda de Música Divisionária, suas frações, conjuntos e grupos musicais, bem como, dos demais integrantes da 1ª DIE no cotidiano da FEB, sejam em suas viagens, em destino para a Itália, sejam na vida castrense dos acampamentos, bases, no front, como também, nas cidades italianas que ocuparam, desenvolvendo assim, os seus *ethos musicalis popularis, militaris et para bellum*.



Figura 4 – Banda de Jazz - Fração da Banda de Música Divisionária – Tropa Especial
Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://images.app.goo.gl/QPB6bmrAcDfdN2QR7

De acordo com Silva (2016, p.39), o Serviço Especial foi criado, com a finalidade de “[...] cuidar da diversão, hospedagens e outras atividades dos expedicionários brasileiros... [...]”. Neste sentido, a Banda de Música Divisionária da FEB pertencia também ao Serviço Especial e, por intermédio de suas frações de bandas de música orgânicas e Jazz Band, cumpriu muito bem o seu papel:

A Banda de Música executava hinos, dobrados e marchas militares habituais; trechos de obras de música erudita como de “O Guarani” (de Carlos Gomes); e arranjos de música popular, como de “Aquarela do Brasil” (Ary Barroso) [...]. Consta que este conjunto teria realizado mais de uma centena de programas; isso só pode ser considerado verdade caso se incluam as atuações de duas subunidades informais: o Coral Sacro, formado por elementos do 11º RI, e a Banda de Jazz da FEB (ou Jazz Band, ou Banda do Serviço Especial) [...]. (SILVA, 2016, p. 33)

Ethos musicalis popularis – la barcarola do Tio San

A bordo dos navios americanos de transporte de tropas,¹⁸ os músicos militares se enturmaram com os demais companheiros e irmãos de armas para praticarem música, nas horas de folga que eram permitidas, realizando assim, apresentações de repertório de música popular brasileira,¹⁹ com música vocal e instrumental,²⁰ durante toda a viagem, seja no 1º, 2º, 3º, 4º e 5º escalões... cantavam o repertório da MPB de época e, de acordo ainda com Silva (2016, p. 33) até mesmo as “[...] canções exaltadoras que foram criadas antes da guerra acabaram por se tornar canções *guerreiras*, e tal foi o caso de *Aquarela do Brasil*, escrita em 1939 por Ary Barroso, a mais ouvida nos anos de guerra.” Neste período de viagem, nascem às primeiras canções, sambas, marchinhas...



Figura 5 – Música febiania durante a viagem para a Itália

Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://images.app.goo.gl/Hbh1CZJgUwL4U-zzB7

A música castrense e no front – ethos musicalis militares

A Banda de Música Divisionária participava das atividades militares normais do cotidiano militar da vida castrense, no acampamento base da 1ª DIE, bem como, de suas OMs subordinadas, como formaturas, treinamentos, guarda de honra, sepultamentos, apresentações, entre outras. Neste sentido, o efetivo de 200 (duzentos) músicos da Banda de Música Divisionária foi dividido em seções de Bandas de Música Orgânicas, com o escopo de atender, concomitantemente, todas as necessidades de ordem militar e civil. Binder (2006, pg. 15) cita Camus (1976, p. 3), quanto às funções e seus objetivos da banda de música militar nas atividades castrenses, possui as seguintes funções, a saber:

- a) desenvolver o espírito de corpo e o moral da tropa;
- b) auxiliar nas tarefas de campo;

- c) prover com música cerimônias militares; e
- d) prover com música atividades sociais e recreativas.

O repertório de música militar executada se consistia nos hinos pátrios, canções, marchas e dobrados, como, por exemplo, *Avante Camaradas*, Batista de Melo, *Saudades de Minha Terra* e *Quatro Dias de Viagem*. Segundo as iconografias, os músicos militares se enturmavam com os demais militares da FEB, para realizarem apresentações com músicas populares brasileiras, inclusive, suas próprias composições, que veremos abaixo, para o efetivo de folga, de forma voluntária, realizando assim, confraternizações e estreitando os laços de camaradagem que os uniam como verdadeiros irmãos.

A Banda de Jazz (trombones, saxofones, pistons, banjo, bateria, pandeiro, sousafone e violoncelo)

era dirigida por Milton Vieira Galvão. Além das apresentações “normais”, das transmissões de rádio e das gravações para a *BBC*, o grupo subia em um caminhão e ia até próximo ao front, onde descia as laterais do veículo transformando-o em um palco-móvel. Seus shows mesclavam música cívica com a popular nacional e internacional [...]. Às vezes eram acompanhadas de um grupo vocal masculino à maneira dos grupos norte-americanos, que também interpretavam as canções compostas pelos veteranos. Silva (2016, p.39)



Figura 6 – Música febiana no aquartelamento na Itália
Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://f.i.uol.com.br/fotografia/2017/10/17

A música dos pracinhas nascida do front – *ethos musicalis para bellum*

Cabe ressaltar que a música dos pracinhas nascida no front, nos acampamentos, bases... como os sambas, marchinhas, emboladas... teve, indubitavelmente, um papel importantíssimo para a elevação da moral, disciplina, espírito de corpo, combatividade, enfim, da tropa brasileira. Esta música fez um tremendo sucesso na época, se immortalizando na história, graças ao trabalho do “Chico da BBC” – Francis Hallawell²¹ que,

segundo Silva (2016, p. 40) colaborava “com o Serviço Especial da FEB e o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), colocando em seu noticiário - *Nossa Terra*, músicas brasileiras mescladas com as falas sobre os acontecimentos da guerra” por meio do programa radiofônico especial, pela *BBC*, que apresentava a execução músicas dos pracinhas, como, *Heróis da Retaguarda*, *Onde eu vi muito tedesco*, entre outras.²² Essas composições foram gravadas especialmente, pela *BBC* de Londres, com diversos militares do Regimento Sampaio, a tal equipe carioca da FEB, no acampamento em Francolise, na Itália e, retransmitidas na Itália e no Brasil. O conjunto musical era formado pelos próprios compositores, em sua maioria, pelos 3º Sargentos Serafim José de Oliveira, Ary Carvalho Vasconcellos, Quialdo A. Lemos; Cabos Walther Gomes, José Augusto Nogueira, Nilson W. Braga, Aroudel L. da Silva, Ermínio Pacheco de Resende e, os Soldados Natalino Cândido da Silva, Pieri Junior e Elpídio Viana.²³ SILVA (2016, p.55) cita também outra canção de Natalino C. S., uma embolada, referente à conquista do Monte Castello - *Onde eu vi muito tedesco*:



Figura 7 – Francis Hallawell - “Chico da BBC” –
Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://fotografia/2009/25/04

Mas onde eu vi muito tedesco
Foi no monte Castelo
Onde eu vi muito tedesco
Foi no monte Castelo
Subindo ao monte encontrei Sinhá Lurdinha²⁴
Estava toda afobadinha...
Vinha um tal de 88...²⁵
Mas eu também que conduzia o meu 60...²⁶
O 105 atirava com afinco...²⁷
E até mesmo a CPP com a 81 em posição...²⁸

Ethos musicalis italiano - La música popolare – concerto à italiana

De acordo com Silva (2016), a Banda de Música Divisionária desenvolvia também, atividades musicais no seio da sociedade italiana, da mesma forma que as bandas de música italianas na época e, de acordo com as iconografias, atividades estas realizadas nos locais por onde a 1ª DIE atuou, realizando apresentações no seio da população, das inúmeras cidades, povoados, vilas...

Entre as músicas estrangeiras não faltavam “Funiculi” (Giuseppe Turco e Luigi Denza) [...], “Lili Marleen” (Hans Leip e Norbert Schultze) [...] e “Deus Salve a América” (Irvin Berlin). (SILVA, 2016, p.40)

Entretanto, segundo Silva acima (2016, p.40), os concertos realizados pela Banda de Música Divisionária, bem como, pelas suas frações de bandas de música nas comunas italianas utilizaram repertório de música popular italiana, canções napolitanas consagradas na época, com *Torna Surriento...* bem como, de peças do repertório erudito, como *La Pátria, Vá Pensieiro (G. Verdi)*, músicas de caráter nacionalistas.

Gran finale

Coda

“O pracinha brasileiro é o soldado que luta a mais alta das lutas sorrindo e sim, cantando

também. Que vence os obstáculos e as asperezas da campanha, extraindo de cada dificuldade uma pilhéria, de cada vicissitude uma anedota. São estas pilhérias, improvisadas dentro do próprio perigo. É uma capacidade de contar, como anedota, os lances trágicos e instantes difíceis... é essa capacidade de esquecer a guerra, no minuto preciso do seu esforço que se pode chamar de moral excelente do soldado brasileiro [...]” Francis Hallawell²⁹

A participação da Banda de Música Divisionária no cotidiano da vida castrense no teatro de operações da campanha da FEB, como também, nas comunas italianas, ultrapassou os parâmetros normais de uma simples atividade de música militar, muito mais que isto, mas se constituiu como um verdadeiro instrumento institucional de comunicação social da FEB e, de extrema importância para todos os militares da 1ª DIE, bem como, para o povo italiano, estendendo-se aos aliados e, até aos prisioneiros de guerra. Neste sentido, a Banda de Música Divisionária se fez presente em todos os momentos possíveis e necessários no cotidiano, seja nas cerimônias militares como formaturas, guardas de honra, treinamentos, sepultamentos...

A base real de um exército é o seu espírito de corpo e esse espírito grupal, em cada unidade, não pode nascer num curto período de incorporação de recrutas... Foi o espírito grupal que fez vitoriosos os exércitos de Alexandre Magno e de Roma...que prima por seu *spirit de corps*...³⁰

Já no cotidiano das comunas italianas, fez-se também presente, de forma indelével, executando especialmente repertório de músicas italianas, canções napolitanas, *música popular e italiana*, aproximando ainda mais as tropas brasileiras com a

população local, onde os militares brasileiros foram acolhidos como verdadeiros *fratelli, i soldati brasiliani libertatori di mostra terra, il nostro popolo dalla schiavitù...ma, conquistatori del cuori, afetto, anima, vitta...della popolazione italiana.*³¹



Figura 8 – O pracinha com seu material para a guerra e o seu violão para a paz

Fonte: www.google.com/imgres?imgurl=https://f.i.uol.com.br/fotografia/2017/10/17

Ethos musicales – teoria dos afetos

Uma Banda... traz recordações, acelera as associações, abre e une os corações dos homens com mais eficácia que as outras exortações. As canções que tocam e as palavras que as acompanham podem parecer muito afastadas do

heroísmo ou da devoção, mas o seu poder mágico e estimulante pode levar a alma dos homens a compreender certas verdades de que suas mentes duvidariam (...) Mais do que isso, ninguém, nem mesmo o ajudante, pode dizer ao certo onde vive a alma do batalhão mas a expressão dessa alma é, na maioria das vezes, encontrada na banda. Rudyard Kipling³²



Figura 9 – Desfile Militar da FEB e sua Banda de Música Divisionária na Itália

Fonte: www.goodreads.com/group?book=onGoodreads.

Em síntese, cabe refletir que, de acordo com o pensamento de Keegan (2003),³³ com o advento dos exércitos nacionais, já na Primeira Guerra Mundial, formados, em suas bases, por recrutas oriundos dos diversos segmentos sociais, os soldados-cidadãos³⁴ em substituição dos exércitos de mercenários, os quais estes eram pagos com altas somas de riquezas pelos seus estados contratadores, houve a extrema necessidade por parte das novas nações-estados de desenvolverem valores diferentes, no inconsciente coletivo da tropa desse novo exército nacional, popular (JUNG, 1990),³⁵ de suas novas forças armadas, valores estes que viessem a contribuir com a disciplina, espírito de corpo, lealdade, amor à pátria..., ou seja,

não mais os valores antigos... ao pagamento dado aos exércitos de mercenários como o direito ao butim de guerra, ao saque, escravos, altas somas de dinheiro, ouro, prata, pedras preciosas..., ou seja, os antigos valores de riqueza, poder, enfim, que faziam movimentar exércitos de mercenários à guerra..., mas sim, valores de caráter imaterial, como o nacionalismo acerbado, o amor à pátria, à bandeira nacional, ao povo, a liberdade, a terra... o sacrifício da própria vida... como objetivo maior de conquista para esses novos militares, soldados-cidadãos, exércitos populares, mesmo porque os países já estavam saindo do modelo de estado feudal, se projetando no modelo do Estado Moderno. Neste sentido, as bandas de música, por meio do repertório de música militar e patriótica, em especial, foram também verdadeiros instrumentos disseminadores desses valores imateriais possibilitando assim, reverter o caráter dos conflitos... agora, um embate de caráter moral, filosófico, ideológico e político... onde, a luta, não será mais como as antigas guerras, para a conquista de terras, riquezas, butins..., para os seus reis e rainhas, imperadores, príncipes... mas sim, para a conquista da honra, da paz, da liberdade...

Segundo o historiador britânico Eric Hobsbawm, o mundo contemporâneo é resultante de uma dupla revolução, os efeitos combinados da *Revolução Francesa* e da *Revolução Industrial*... Em relação à primeira, teríamos o advento e desenvolvimento do vocabulário político moderno (direita e esquerda), a linguagem e prática da cidadania, da política de massas, da constituição do campo dos direitos civis, enfim, o mundo das ideologias e, principalmente, o desenvolvimento da idealização/realização da **Nação** e do **Nacionalismo**. Entendida como momento histórico do fortalecimento e expansão do Estado Nacional Moderno, a Re-

volução Francesa transforma todos os antigos súditos em “filhos da pátria” (como expresso nos versos da *Marselhesa*, o verdadeiro hino do longo século XIX). Desponta, o Nacionalismo militante, que para virar beligerante não necessita mais do que poucos passos de marcha acelerada. (PARISI, s/d, p.2)³⁶

Portanto, a Banda de Música Divisionária da FEB, e suas frações de bandas de música orgânicas, conjuntos e grupos musicais, por meio de seus *ethos musicais*, constituíram em um verdadeiro instrumento de comunicação social, unindo os soldados-cidadãos brasileiros da Força Expedicionária Brasileira, com um excelente espírito de corpo, disciplina, combatividade, moral, ufanismo, enfim, valores imateriais estes, que os possibilitaram tão somente, a galgar as duras situações da frente de batalha, como as intempéries, barragens de artilharia, armadilhas, campos minados, rajadas de metralhadoras... e, toda sorte de cenas de horrores próprios de uma guerra, como, camaradas mortos e feridos, destruição generalizada, mas sim, vencerem as tropas alemãs e italianas, em inúmeras batalhas, conquistando a admiração e respeito das tropas aliadas, bem como do povo italiano e de seus próprios inimigos.

Conclusão


Finale

Acredita-se que é vasto os seus efeitos sobre as emoções e desejos do homem, e os pesquisadores estão apenas começando a suspeitar-lhe da extensão da influência até sobre os processos puramente intelectuais e mentais... Em outras palavras, a música também pode representar um papel muito mais importante do que a maioria das pessoas, até agora, propendeu a crer. Os poderes da música são multifacetados, às vezes

misteriosamente potentes e, até agora, não de todo compreendidos. (TAME, 1988, pg.13)³⁷

De acordo com Tame (1988), a música, tanto de gênero instrumental, como vocal ou mesmo mista, instrumental e vocal, seja de estilo erudita ou popular - militar, patriótica, religiosa, profana... enfim, os seus efeitos sobre o comportamento do homem, os seus poderes de influência nos aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores, biológicos, bioquímicos, morais, espirituais do homem são reais, concretos, fatuais e notórios, registrados na história de suas civilizações, desde a Antiguidade Clássica, até os tempos modernos (CANDÉ, 1994.). Portanto, no presente trabalho foram expostos os mais variados assuntos do objeto de pesquisa - A Banda de Música Divisionária da FEB, nos diversos capítulos, por meio de uma epistemologia convergente (VISCA, 1987),³⁸ concatenando cada capítulo, cada assunto, um a um, formando assim, um constructo sobre a origem, importância e as atividades no cotidiano da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações na Campanha da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, com os mais variados aspectos constitutivos deste fenômeno histórico.

Concluímos que é inegável a importância da participação da Banda de Música Divisionária

da 1ª DIE – FEB no teatro de operações da campanha da Itália, no que tange as suas atividades no cotidiano da vida militar dos nossos pracinhas, bem como, no seio civil da população italiana. Portanto, é de fundamental importância realizar pesquisas futuras sobre as atividades da Banda de Música Divisionária da 1ª DIE – FEB no teatro de operações da campanha da Itália, pois, de acordo com Neto (2009, pg. 100), não resta dúvida de que “[...] o cotidiano dos pracinhas, além de complexo e inexplorado, resguarda elementos ainda desconhecidos[...]”, com o escopo de enriquecer a História Militar Brasileira, com novos fatos, de forma a possibilitar o conhecimento mais profundo sobre este objeto de estudo, neste campo de pesquisa e, com isto, evitando também assim, o reducionismo histórico, limitando, assim, apenas a participação das unidades divisionárias da FEB no front, incluindo também, neste sentido, os demais elementos de Tropa Especial e Órgãos Não Divisionários, tema da Comunicação nº 17, do VIII Seminário Nacional sobre a Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial – SENAB – 2ª GM 2019 – Atuação da FEB na Itália com seus elementos de Tropa Especial e Órgãos Não Divisionários, promovido pelo DPHCEX. 

Referências

ADAM, Joselir N.G. & VALLE, José N. **Linguagem e estruturação musical**. Curitiba: Beija-flor, s/d.

ABRIL COLEÇÕES (Org.) in: **Coleção Armas de Guerra**. Artilharia 1850-1945. Vol. 13 e 15, São Paulo: Abril, 2010.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE). 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANDRADE, Mário de. **Dicionário musical brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

BINDER, Fernando Pereira. **Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

BOUDON, Raymond. **A ideologia**. São Paulo: Ática, 1989.

CAMUS, Raoul F. **Military music of the American Revolution**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1976.

CANDÉ, Roland de. **A música: linguagem, estrutura e instrumentos**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **História universal da música**. São Paulo: Martins Fontes, 1º e 2º volumes, 1994.

CARVALHO, L. P. Macedo. Força Expedicionária Brasileira: 60 anos. **Verde Oliva**, Brasília, ano 22, n.185 p. 16-21, jul/ago/set. 2005.

CARVALHO, Mário Vieira de. **A música e a luta ideológica**. Lisboa: Estampa, 1976.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Tese de doutorado. São Paulo, 2003.

HENRIQUE, Luis. **Instrumentos musicais**. Lisboa: Gulbenkian, 1987.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era das Revoluções**. (1789-1848). Rio de Janeiro. Paz e Terra. 5 ed. 1986 pp.17-20 e 37-42 In PARISI.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

KEEGAN, John. **História ilustrada da primeira guerra mundial**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MAGGINI, Tomislav. **La Banda: la sua storia, il suo ruolo di sviluppo culturale e di aggregazione per i ceti popolari**. Università degli studi di verona, Italia, Facoltà di lettere filosofia corso di laurea in scienze dei beni culturali Pg. 15-24, 2009.

MEIRA, Antonio Maria & SCHIRMER, Pedro. **Música militar e banda de música: origem e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Estandarte, 2000.

OJEDA, Caroline Martins **In: FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: MEMÓRIAS DE GUERRA E FORMAÇÃO DE IDENTIDADES - 1 XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis/SC, Brasil, 2015.

PEREIRA, M. E. **Você sabe de onde eu venho? O Brasil nos tempos de guerra (1942-1945)**. 2009. 148f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2009.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SILVA, Ester Gonçalves da. **O que era cantado nos campos de batalha pelos soldados brasileiros na segunda guerra mundial: O LP “EXPEDICIONÁRIOS EM RITMOS”** (1966). Monografia, Curso de Licenciatura em História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, 2016.

SILVA, M. **A Educação brasileira no Estado Novo (1937/45).** 1ª ed. São Paulo: Livramento, 1980, pg. 29.

SQUEFF, Enio & WISNIK, José Miguel. **O nacional e o popular na cultura brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

TALINA, João Carlos. **A educação musical no Estado Novo: o orfeão de orfeu.** Rio de Janeiro: Centro de Pós-Graduação do Conservatório Brasileiro de Música, monografia, 1990.

TAME, David. **O poder oculto nada música.** 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira.** São Paulo: Editora 34, 1998.

VESSELLA, A. **Studi di strumentazione per banda.** Milano: Ricordi, 1955.

Visca, Jorge. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente.** Porto Alegre: Artes Médica, 1987.

NETO, Anysio Henriques. **A cobra fumou na Itália: os alicerces do cotidiano dos pracinhas brasileiros no front.** Juiz de Fora, Relatório, CES/JF, 2009, p. 89 – 102.

Notas

¹ Como por exemplo, a Inspeção Geral, Intendência, Serviço de Saúde, Enfermeiras da FEB, Armamento e Remunicação, Correspondentes de Guerra, Pelotão Neuropsiquiátrico, Companhia Comando da 1ª Divisão de Infantaria Divisionária, Serviços de Fundo, Pagadoria Fixa e Agência do Banco do Brasil junto a FEB, Esquadrilha de Observação e Ligação, Batalhão de Trabalhadores, Justiça Militar na FEB, Depósito de Pessoal, Serviço Postal, Pelotão de Sepultamento, Pelotão de Polícia do Exército, 1º Grupo de Aviação de Caça, Serviço de Assistência religiosa, Serviço de Transmissões e Marinha Mercante.

² Cf. ADAM, Joselir N.G. & VALLE, José N. *Linguagem e estruturação musical.* Curitiba: Beija-flor, s/d.2 Cf. BENNETT, R. *Uma breve história da música.* Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 57 a 66,.

³ O conceito de ideologia está intrinsecamente ligado ao de acordo com BOUDON, Raymond. *A ideologia.* São Paulo: Ática, 1989, p. 25-46. Cf. com ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE).* 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985., e com CARVALHO, Mário Vieira de. *A música e a luta ideológica.* Lisboa: Estampa, 1976.

⁴ A estratégia da instalação de tais bases militares americanas, tinha o escopo também de bloquear o envio de matéria-prima aos países inimigos, Alemanha e Itália, em especial, criou a “Cintura do Atlântico”ou”Saliente do Nordeste”. Cf. SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

- ⁵ A flotilha era composta de cerca de 22 (vinte e dois) submarinos alemães (Unterseeboot-U) e 05 (cinco) submarinos italianos: U-66, U-94, U-155, U-156, U-159, U-161, U-162, U-163, U-170, U-185, U-199, U-203, U-432, U-502, U-504, U-507, U-513, U-514, U-516, U-518, U-590, U-861 - e, Archimede, Da Vinci e Barbarigo, Tazzoli, Calvi e Torelli, pertencentes as classes de Uboat alemães do Tipo VII-C, IX-C e IX-D2, XIV – Milchkuw e, classes dos submarinos Italianos do tipoBlin, Marcello, Marconi Calvi e Gato respectivamente, sendo que 10 (dez) submarinos alemães e 01 (um) italiano foram afundados pelas patrulhas aéreas aliadas, próximos as costas brasileiras:U-164, U-128, U-507, U-590, U-513, U-662, U-598, U-199, U-591 e U-161 e, Archimedes, respectivamente. Cf. <https://pt.m.wikipedia.org>,<https://www.naufragios.com.br>. e <https://www.brasilmergulho.com.br>.
- ⁶ Os submarinos alemães e italianos afundaram 36 navios brasileiros e 56 navios de bandeira estrangeira. São os seguinte navios mercantes afundados pelos submarinos alemães e italianos do Eixo, pertencentes as companhias Lloyd Brasileiro, Lloyd Nacional e Costeira, a saber: *Afonso Pena, Alegrete, Aníbal Benévolo, Antonico, Apolóide, Arabutã, Arará, Araraquara, Baependy, Bagé, Barbacena, Brasilóide, Buarque, Cairu, Campos, Cisne Branco, Gonçalves Dias, Itagiba, Itapagé, Jacira, Lages, Olinda, Ozório, Paracurí, Pelotasloide, Piave, Porto Alegre, Shangrilá, Sulóide, Tamandaré, Taubaté, Tutóia, Vidal de Negreiros e Vital de Oliveira*. Cabe também ressaltar que a maioria das embarcações atacadas pelos submarinos alemães e italianos do Eixo se constituía de navios mercantes ou mistos, ou seja, cargueiros e passageiros, pertencentes às grandes companhias de navegação da época, como o *Lloyd Brasileiro*, o *Lloyd Nacional* e a *Costeira*, bem como, embarcações pertencentes às outras companhias de menor porte, como também, embarcações pertencentes a pequenos armadores regionais e homens do mar. O *Lloyd Brasileiro*, a maior dessas empresas, foi, sem dúvida, a que mais perdeu navios e tripulantes, foram 21 embarcações atacadas, das quais 19 foram afundadas. Cf. SANDER. Roberto. O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007., e com. <https://www.naufragios.com.br>.
- ⁷ Instrumentos como: Sopro Madeiras - Flauta Transversa, Charamela, Bombarda, Cervelato, Krummhorn...; Sopro Metais - Trompete, Trompa, Sacabuxa... e, Percussão – Tambor, Pratos, Guizos etc. Cf. BENNETT, Roy. Uma breve história da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 13-30.
- ⁸ Organologia subárea da Musicologia que estuda os instrumentos musicais, seus aspectos constitutivos físicos, acústicos... Cf. HENRIQUE, Luis. Instrumentos musicais. Lisboa: Gulbenkian, 1987, p. 15.
- ⁹ Ternos de Barbeiros, segundo Tinhorão (1998, pg155-175) eram grupos musicais formados por negros ex-escravos, barbeiros de ofício, que executavam músicas nos festejos religiosos que ocorriam nas portas das igrejas, cujas atividades perduraram muito depois da chegada e instalação da Família Real Portuguesa na Cidade do Rio de Janeiro. Cf. ANDRADE, Mário de. Dicionário musical brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- ¹⁰ De acordo com Binder (2006, pg. 27) as bandas de música pertenciam aos regimentos de 1ª Linha, era profissional e ficava permanentemente em armas estacionada no Rio de Janeiro. Formada por três regimentos de infantaria e um de artilharia, segundo o decreto de 1810.
- ¹¹ Embora Tinhorão (1998) aborde a história social da música popular brasileira, do ponto de vista cultural e ideológico, o referido autor, de forma historiográfica, cita as origens de nossa música popular brasileira, em especial, as bandas de música civis e militares, escopo desta pesquisa. Cf. TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: Editora 34, 1998, pg. 177-191.
- ¹² O 1º Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio, o 6º Regimento de Infantaria – Caçapava/SP e o 11º Regimento de Infantaria – Regimento Tiradentes de São João Del Rey/MG.Cf.SANDER. Roberto. O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- ¹³ De acordo com Meira & Schirmer (2010, pg. 50), o procedimento em desagregar as bandas de música orgânicas dos seus regimentos, no caso, as bandas de música dos regimentos de infantaria do 1º RI, 6º RI e do 11º RI, agregando-as em uma bande de música divisionária era modelo norte-americano de época.
- ¹⁴ O Ten Franklin de Carvalho Júniorera o Maestro/Oficial Regente do 1º Regimento de Infantaria (RI) – Regimento Sampaio e, posteriormente, foi o Oficial Regente da Banda de Música da Escola Militar de Resende – atual Academia Militar das Agulhas Negras. (MEIRA & SCHIRMER, 2000, pg. 118).

- ¹⁵ VESSELLA (1955, p. 115) propôs três tipos de bandas de música: Piccola Banda, com cerca de 28 (vinte e oito) instrumentistas; Média Banda, com cerca de 45 (quarenta e cinco) instrumentistas e, Grande Banda, com cerca de 65 (sessenta e cinco) instrumentistas. Cf. com Vessella. A. Studi di strumentazione per banda. Milano: Ricordi, 1955.
- ¹⁶ De acordo com Henrique (1998), segundo a Organologia, a instrumentação da banda de música, em geral, é composta pelas famílias dos sopros - madeira e metal e percussão. Cf. HENRIQUE, Luis. Instrumentos musicais. Lisboa: Gulbenkian, 1988.
- ¹⁷ Segundo Silva (2016) o LP “Expedicionários em Ritmos”, uma das poucas fontes da música dos pracinhas, foi gravado após a guerra, em 1966, com o repertório das canções – sambas, emboladas, marchinhas... compostas pelos pracinhas no front, em treinamento, nas tréguas dos combates... Cf. SILVA, Ester Gonçalves da. O que era cantado nos campos de batalha pelos soldados brasileiros na segunda guerra mundial: O LP “EXPEDICIONÁRIOS EM RITMOS” (1966). Monografia, Curso de Licenciatura em História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, 2016 p.6.
- ¹⁸ Os navios americanos de transporte de tropas que transportaram a FEB foram: 1º Escalão – “Gen Mann”; 2º Escalão – “Gen Mann”; 3º Escalão – “Gen Meigs”; 4º Escalão – “Gen Meigs” e 5º Escalão – “Gen Meigs”.
- ¹⁹ De acordo com Tinhorão (1998, 289-304) executavam todo o tipo de forma musical da MPB, como samba, samba canção, choro, marchinhas, emboladas, etc. Cf. TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: Editora 34, 1998.
- ²⁰ Inúmeras iconografias nos revelam que utilizaram instrumentos musicais característicos da Música Popular Brasileira – MPB, como violão, banjo, cavaquinho, pandeiro, afoxé, cuíca, atabaque...
- ²¹ Francis Hallawell, conhecido como “O Chico da BBC”, era brasileiro, gaúcho, filho de ingleses, engenheiro, funcionário da Empresa Inglesa Metropolitan-Vicher, contratada para eletrificar a Rede Ferroviária da Central do Brasil, na década de 1940. Foi voluntário para o serviço militar inglês, e, após ser dispensado, foi trabalhar como locutor na BBC de Londres e, posteriormente, como correspondente de guerra da BBC de Londres, junto ao grupo de correspondentes da FEB, apresentando programas de música pela BBC na Itália e no Brasil, com o repertório de músicas dos pracinhas, em especial. Cf. <<https://www.bbc.com/brasil>> 43389816.
- ²² De acordo com Silva (2016, p 46) são exemplos de músicas transmitidas pela Rádio BBC: TEDESCO EU QUERO VER (S. J. Oliveira); HERÓIS DA RETAGUARDA (Pieri Junior); SORRINDO E CANTANDO (Pieri Junior); A LOURDINHA ESTÁ CANTANDO (Natalino Cândido), entre outras.
- ²³ Os soldados Pieri Junior e Elpídio Viana imitavam, por meio de vocalize, o trombone e o trompete, respectivamente, com perfeita entonação, timbre e ritmo.
- ²⁴ Lurdinha – apelido dado pelos pracinhas às metralhadoras alemãs Machine Gewer MG 34 e a MG 42. Cf. Abril Coleções (Org.) in: Coleção Armas de Guerra. Armas portáteis 1870-1950, Vol. 15, São Paulo: Abril, 2010, Vol. 15, 2010, pg. 107-108.
- ²⁵ O 88 – apelido dado pelos pracinhas ao lendário canhão antiaéreo FlugzeugAbwehrKanone Flak 18, calibre 88 mm, de múltiplo emprego. Cf. Abril Coleções (Org.) in: Coleção Armas de Guerra. Artilharia 1850-1945. Vol. 13, São Paulo: Abril, 2010. Vol. 13, 2010, pg. 52-53.
- ²⁶ 105 – apelido dados pelos pracinhas ao canhão de campanha LechtFeldKanone calibre 105 mm. Cf. Ibidem, Vol. 13, 2010, pg. 76-77.
- ²⁷ O 60 – apelido dado pelos pracinhas ao seu morteiro americano M1, calibre 60 mm. Cf. Ibidem, Vol. 13, 2010, pg. 113.
- ²⁸ O81 – apelido dado pelos pracinhas ao seu morteiro americano M27/31, calibre 81 mm. Cf. Ibidem, Vol. 13, 2010, pg. 116.
- ²⁹ Gravação da voz do Francis Hallawell, - “O Chico da BBC”, no Programa - *Nossa Terra* da Rádio BBC de Londres. . Cf. <<https://www.bbc.com/brasil>> 43389816.

- ³⁰ Cf. MEIRA, Antonio Maria & SCHIRMER, Pedro. Música militar e banda de música: origem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Estandarte, 2000. p. 49-50.
- ³¹ “[...] irmãos, os soldados brasileiros, libertadores de nossa terra, do nosso povo da escravidão... mas, conquistadores do nosso coração, afeto, alma, vida... da população italiana.” Tradução nossa.
- ³² Rudyard Kipling, Prêmio Nobel de Literatura – 1907 foi escritor e autor de inúmeras obras literárias e poéticas, como, por exemplo Baladas da Caserna, (Meira & Schirmer, 2010, pg. 51).
- ³³ O britânico John Keegan é um dos principais historiadores militares da atualidade. Dono de uma vasta obra destaca-se por introduzir nos estudo dos fatos e fenômenos militares a discussão de valores e análise dos homens em guerra. Valoriza o contexto sócio-político e introduz instrumentais sociológicos e antropológicos para o estudo do seu objeto de pesquisa – a “cultura” da guerra.
- ³⁴ Ojeda (2015), citando Ferraz(2012) quanto ao conceito soldado-cidadão, revela: “Pela expressão cidadão-soldado entende-se o indivíduo que, ao prestar o serviço militar – na paz ou na guerra – por um determinado período à sua pátria, adquire a qualificação de sua cidadania por meio do “tributo de sangue.” (FERRAZ, 2012, p. 45)
- ³⁵ Quanto ao conceito de inconsciente coletivo Cf. JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ³⁶ Quanto ao pensamento de Maurício Orestes Parisi sobre o nacionalismo, no Artigo - A GUERRA NO “LONGO SÉCULO XIX” :TEORIAS DA GUERRA E ANÁLISE HISTÓRICA Cf. <www.diversitas.fflch.usp.br>
- ³⁷ Quanto à influência da música sobre o homem e sobre a sociedade - o *etbos musicales – teoria dos afetos*, Cf. TAME, David. O poder oculto nada música. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.
- ³⁸ Quanto à epistemologia convergente, Cf. Visca, Jorge. Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Médica, 1987.